

*Laturia*

# A Entrevista

Sem santo nem senha

POR

JOAQUIM LEITÃO



*Laturia*

João d'Azevedo Coutinho, tendo copado o bigode para fugir do Laturio,  
envergado n'um ligeiro Knickerbocker,  
surprehendido pelo Kodak da «Entrevista» ao de-embore r'um Viço, em dia 25 de Outubro de 1913.

N.º 1 — Numero avulso 60 reis — 30 - X - 1913

NÃO SE RECEITAM ASSIGNATURAS

EDIÇÃO DO AUCTOR

Composto e impresso na Typographia de A. J. da Silva Teixeira, Successor — Rua Cancellia Velha, 70 — PORTO.

1913 JORNAL  
LIVRO N.º 522

# A ENTREVISTA

— POR —

— JOAQUIM LEITÃO —

Publicação semanal de 16 paginas de texto e capa illustrada com o retrato do entrevistado. Publicará entrevistas com os homens eminentes de toda a Europa e Americas, á medida que os acontecimentos as provocarem. Occupar-se-ha da politica portugueza sem distincções de côres politicas.

---

<b>Portugal:</b> Numero avulso . . . . .	60 reis
Pelo correio . . . . .	65 reis
<b>França e paizes da União Postal.</b>	50 centimos
<b>Brazil</b> (moeda portugueza) . . . . .	160 reis

Não se acceitam assignaturas

*As pessoas que quizerem receber A Entrevista pelo correio deverão remetter adeantadamente a importancia d'uma serie de numeros, acceitando-se a partir de uma serie de quatro numeros, remettida á typographia de A. J. da Silva Teixeira, Successor, Rua da Cancellia Velha, 70 — PORTO.*

*As pessoas residentes no estrangeiro dirigir-se-hão ao auctor: Joaquim Leitão, 4, Rue Faustin Helie—Passy—PARIS.*

# A ENTREVISTA

Sem Santo nem Senha

POR

JOAQUIM LEITÃO

N.º 1

30-10-1913

## O que será "A Entrevista"

Foi sem santo nem senha que na imprensa do Porto e da capital creei a minha secção de entrevistador. Como correspondente do quotidiano «O Porto» entrevistei o sr. Affonso Costa e Sua Eminencia o Nuncio de Sua Santidade em Lisboa, consoante o interesse jornalístico, accetando todo o assumpto desde que o reclamasse o publico, fosse esse assumpto e esse entrevistado grã-cruz ou carbonario.

No "Correio da Manhã" instaurei o processo aos vencidos, e, em dois mezes e meio, levantei no *Diario dos Vencidos* o auto ao exercito, á marinha e ao povo de 5 de outubro.

O historiar dos factos de 1911 e 1912 teem-me absorvido o tempo e retido a penna.

Volto hoje á minha vida de jornalista, com a mesma independencia com que sempre a exerci: Sem santo nem senha.

Não venho a propagandar uma causa nem a agitar um pendão.

Venho a estudar um lapso de historia, a vida universal, minha coeva, desde a politica portugueza, á politica europêa e americana.

Na imprensa diaria fui o inquiridor da politica nacional; na *Entrevista* se-rei o inquiridor da politica internacional.

Publicarei, como d'antes, entrevistas com monarchicos e republicanos, mas com os monarchicos e republicanos de todo o mundo, sejam portuguezes, sejam estrangeiros. Residirei onde residir no momento o facto europeu, a crise politica, o triumpho scientifico, o deslumbramento esthetico, onde rugir a greve ou entoar a marcha guerreira, onde se veja brandir o facho do genio ou chamejar o clarão das catastrophes.

Ouviremos reis, dialogaremos com os tribunos socialistas ou com os apóstolos do conservantismo, estudaremos a *suffragette*, folharemos os philosophos, traduziremos os silencios dos governantes e o palpitar da alma proletaria, estaremos junto do acontecimento portuguez, como iremos ás sessões do *Home Rule*, ás discussões do augmento d'armamento na Allemanha, e seguiremos as consequencias da lei dos 3 annos em França, resumiremos a intensa vida dos trabalhadores belgas, e procura-

remos entender esta tormentosa hora da politica hespanhola, pedindo aos seus *prohombres* os seus depoimentos.

Aproveitarei a condição de banido da Patria querida, para ir pelo mundo fóra buscando a consolação de que nem a terra extranha é mais bella ou mais interessante do que o pequenino Portugal, nem os anglosaxões são maiores do que esse homem meão que na velha Portugalia é o mais scintillante depositario do genio latino.

Escriptor portuguez, redigindo em portuguez, será de preferencia o assumpto nacional que mais perseguirei.

Socialista ou monarchico, evolutionista ou radical, crente ou negador, todo o portador da ideia ou da superstição será perguntado, ouvido e publicado.

Desarticular um acontecimento ou um homem, abril-o, ver como é feito por dentro, apurar se contém uma tragedia ou uma farça, se é de carne e osso ou se é de folhelho, — é a grata missão do observador, do intellectual e do escriptor. Exercel-a-ei, essa missão, com a consciencia de que estou assistindo a um momento de transformação das sociedades actuaes, e á renascença do caracter e da raça portugueza.

Ignorando toda a ambição, marchando na enlevação d'uma obra, não faço um programma, affirmo um estado de perfeição intellectual.

Não trago odios nem superstições, nem a inter-dependencia partidaria nem a estreiteza do credo politico.

Com a « *Entrevista* » não pretendo, pois, acclamar a Monarchia nem lisongear a Republica.

Estou onde estava, muito satisfeito com o gesto de elegancia moral que quanto mais sacrificios me custa, mais consolador me é, por ter a consciencia de que estou acompanhando a renascença da raça portugueza, cujo caracter estava latente mas não morto.

O marasmo de ha dez, de ha vinte annos era um signal de atonia collectiva que nos conduziria fatalmente á morte.

A agitação e os choques de hoje são uma afirmção vital e uma promessa de renascimento.

O fanatico d'Alcantara ou o thalassa irreductivel são duas manifestações d'essa vitalidade. A força collectiva é a força moral, a moral em politica, — garantia da moral civica — é em cada um o apêgo aos seus cultos.

Entrevistando o avançado ou o chamado reaccionario, eu não tenho outro interesse e outro intuito que averiguar o grau de sinceridade e o valor de que cada homem se faz acompanhar na vida.

Ao entrevistar Jaurés não adheri ao socialismo, ao entrevistar um republicano não voltei as armas contra os meus.

« *A Entrevista* » não será um órgão de partido, mas simplesmente um archivo de documentação viva, e a vida dos organismos sociaes não tem só uma gâmma partidaria, como o espectro solar não tem apenas uma côr: o prisma que as quizer recompôr tem de ser translucido.

O prisma da « *Entrevista* » será a serêna independencia mental, a ausencia de superstição politica, puro jornalismo *sem santo nem senha*.

## A primeira Entrevista

Como o acaso me preparou em Vigo uma entrevista com João d'Azevedo Coutinho, ao desembarcar do «Drina» em que sahi de Lisboa.

Debruçado sobre a minha inacabavel tira de papel, não dou em geral pelo que vae na rua, embora tenha a meza de trabalho encostada a uma janella.

Resolvido a crear esta publicação, sahi de Paris, para vir mais perto de Portugal montar esta pequenina machina, longe de que me abeirava de terra portugueza no momento em que acontecimentos graves iam alancear Lisboa, justamente o coração da Patria. Tudo quanto fere o pequenino coração da Patria nos angustia a nós. Á hora da anciedade collectiva, succedeu a do torturante pensar nos companheiros de exilio que os jornaes nos iam revelando terem entrado destemidamente em Portugal. Vimos a prisão do conde de Mangualde e do seu ajudante Ferreira de Mesquita, e a todo o momento esperavamos ler a noticia da prisão de João d'Azevedo Coutinho. O governo republicano sabia que João Coutinho se havia atirado para dentro do paiz, que tinha estado no Porto, seguido no comboyo correio para Lisboa, que estivera e estava ainda na capital, toda a evasão parecia impossível, a grande esperança e os mais ousados eram que uma resistencia temeraria do

valente official lhe não valesse a morte.

**Um radiotelegramma expedido do hordo do paquete «Drina» da Mala Real Inglesa annuncia que João d'Azevedo Coutinho chegaria a Vigo sabbado, 25 de outubro de 1913.**

Noite velha, sexta-feira, n'um quarto contiguo ao meu, dois portuguezes enganavam essa anciedade com o apparente interesse por trabalhos epistolares. No silencio, que pairava, se percebia como a angustia falava alto adentro d'aquellas almas. Na immobilidade das physionomias sentia-se trabalhar a agitação moral pelo amigo. Um d'elles esquecera entre os dedos um charuto mal começado a fumar: ao apagar-se lhe o charuto devia ter-se-lhe apagado toda a esperança de tão cedo revêr Azevedo Coutinho.

Deixei-os com essa dolorosa apprehensão, e com ella para o meu quarto vim.

A imprensa, chegada n'essa tarde, affirmava andar o governo empenha-

do n'uma importante diligencia; essa diligencia era com certeza a prisão do heroe d'Africa, do patriota da hora inquieta de 90, do expulso de 911, do ministro da marinha de 910, do official de marinha mais popular na Africa do Sul, do soldado cujos feitos lhe mereceram do Parlamento Portuguez o titulo sagrado e excelso de « *benemerito da Patria* ».

João d'Azevedo Coutinho a essa hora já talvez estivesse prêso.

Eu escrevia tambem para enganar á inquietação por este e por todos. N'isto, abrem de repellão a porta da minha habitação, e um d'aquelles homens, que eu sabia apprehensivos e tristes no aposento do lado, entra radiante e commovido, e, agitando o papel azul d'um telegramma, grita:

— Está salvo! está salvo!

— Quem?

— Lagarde. Está aqui o radiotelegramma.

— Mas quem é Lagarde?

— Então não sabe quem é mr. Lagarde?

— Eu não.

— E' o João Coutinho! Leia, leia o telegramma que pela sem-fios d'um paquête da *Mala Real Ingleza* recebi agora mesmo.

E li:

« X...

*Hotel Continental—Vigo.*

*Radio do Porto.*

*S. S. Drina inglez go Lisboa — 24 á las 20,30.*

*Prière apporter lettres demain samedi hotel. Lagarde ».*

— A que horas chegará elle? De manhã cedo?

— Sim, muito tarde não ha-de ser, porque o « *Drina* » é da *Mala Real*,

bom barco, em sendo oito horas está ahí.

A narrativa d'essa sensacional viagem era de toda a actualidade. Estar a postos, tentar obter essa entrevista era o dever do jornalista. Obtida ella, esta publicação encontrára o seu primeiro numero. Elle ahí está, sem o menor proposito de engrandecer a figura d'Azevedo Coutinho, a quem a minha geração deu vivas nos dias anceados de 90, e que não precisa de encontrar jornalistas para ser conhecido no seu paiz e no estrangeiro.

A « *Entrevista* » é que teve a occasional fortuna de encontrar n'elle e no recente lance da sua vida um sensacional assumpto.

#### Como desembarcou em Vigo João d'Azevedo Coutinho.

Na manhã de 25 d'outubro, ás 8 horas, foram buscar a bordo do *Drina* o passageiro Lagarde. Quando descí, ás 8 horas e meia, ao atrio do hotel, já *monsieur* Lagarde tinha passado pelo *Hotel Continental* e marcado aposento, o quarto n.º 29 do 2.º andar.

— E para onde foi?

— Ahí para cima — respondeu-me o porteiro — creio que ao telegrapho...

Esperei. Voltaram as pessoas que o haviam ido buscar a bordo e que, sem o reconhecer, cruzaram com elle, na esplendida bahia viguense. Continuei a esperar. Deram as 9, as nove e meia, e de mr. Lagarde nem sombra! Ia desistir, quando vejo encaminhar-se para o hotel um homem plethorico, com um passo de marinho, ponta de pé para fóra e perna firme, no evidente habito de passear taboas de navio. Vestia um impermeavel, um boné de viagem, e trazia o bigode rapado. Firmei-me bem: era João d'Azevedo Coutinho.

### O primeiro telegramma de terra

Acostumado a dominar-se nos perigos, seja debaixo de fogo, seja debaixo de uma policia inteira a procural-o n'uma cidade, João Coutinho apertou-nos a mão, como se nos houvesse visto na vespera, e viesse, não de Lisboa, mas muito simplesmente da cama, tomou o ascensor do hotel, e só no seu quarto nos abraçou.

As suas primeiras palavras foram :

— Penna e papel. Quero dar um telegramma a minha mulher. Faz hoje anos. Tive a força de vontade precisa para me dominar e guardar para hoje a noticia de que estou salvo.

E com uma serenidade de heroe, mas com a grata alma do marinheiro, redigiu em inglez um telegramma que começava :

*God blessed* (Deus louvado). Desvestiu o impermeavel, tirou o boné e reapareceu, então, o seu cabello levemente ondulado, espraiando-se em isthmo na fronte bombeada, a cara barbeada, desguarnecida de bigode realçando mais os olhos castanhos que a tenacidade tornara quasi escuros.

Era o mesmo João d'Azevedo Coutinho que Lisboa conhece, torso aprumado, a cabeça erguida, peito musculoso e amplo de condecorado, ty-

po nobre de meridional, arcabouço d'uma vontade prompta para todas as loucuras da acção.

Abotoando o cinto do *Knickerbocker* cõr de pinhão sarapintado, quando por acaso deu com os olhos num espelho que tinha em frente, riu-se :

— Isto nem me serve. Foi o que se pôde arranjar. Não tinha fato nenhum, não havia de vir por ahí fóra de farda de capitão de fragata e cordões d'ajudante. Embarquei com isto em cima do corpo, e tanto que mal desembarquei fui ahí comprar alguma roupa branca e mandar fazer um fato. Agora vou tomar um banho n'um instante, e ao almoço!

— Está dicto.

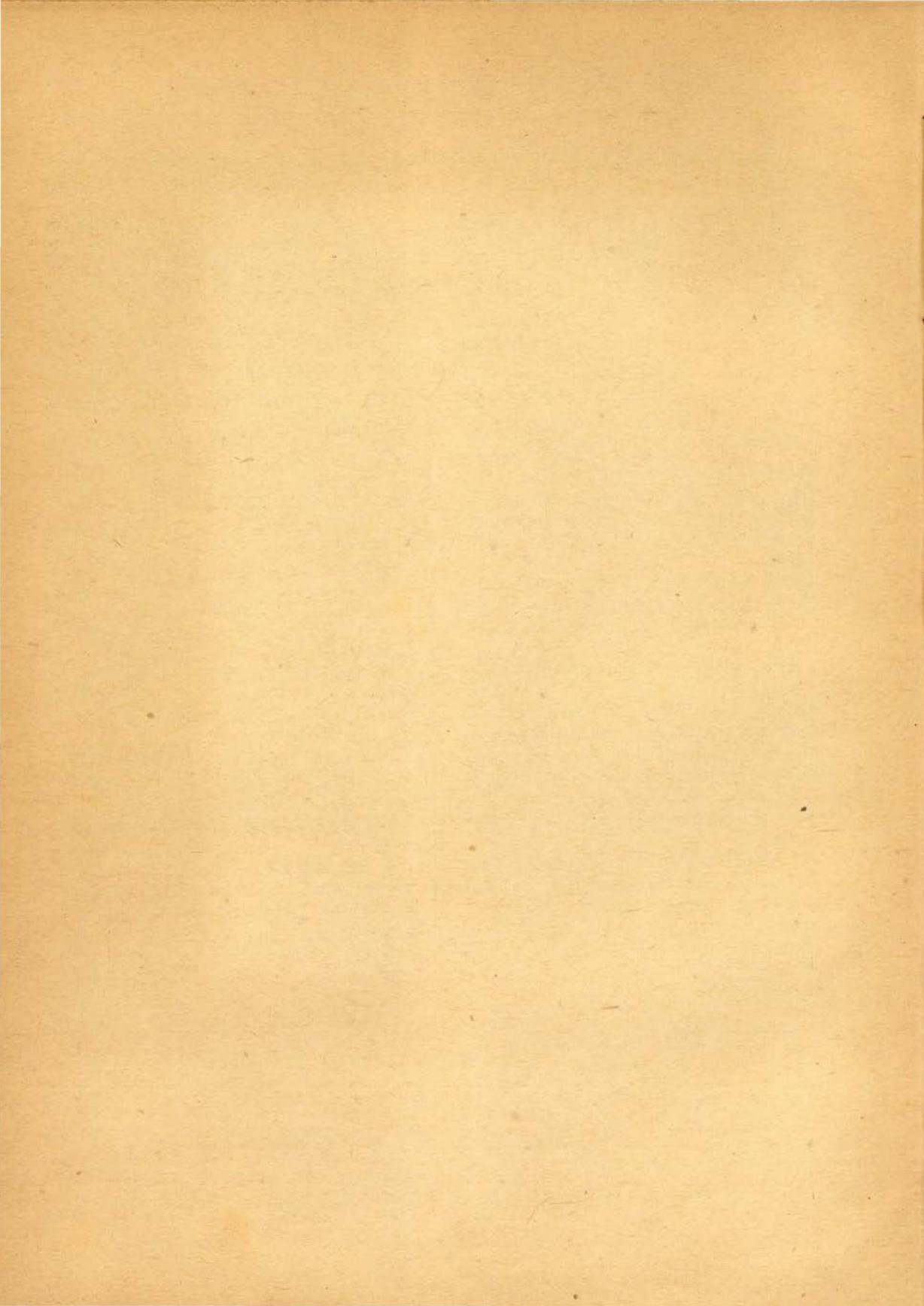
E já com o casaco despido, arregaçando a manga da camisa, o braço estendido, a mão appoiada no humbral da porta, chamou :

— Ouçam! a que horas se almoça n'esta casa?

— Meio-dia, uma hora... mas o que é isto? — perguntamos nós dando com uma cruz que lhe assignala a face interna do braço, proximo á axilla.

— Recordações dos Namarraes!... Eu estava com a mão appoiada a uma arvore, na posição que estou agora, veio uma bala, enfiou para aqui.

O inimigo fóra o primeiro a condecorar com a cruz de ferro dos heroes, os seus gloriosos combates d'Africa.



# ENTREVISTA

COM

## João d'Azevedo Coutinho

**A sua temeraria entrada em Portugal  
— Quinhentos contos pela sua ca-  
beça—Como conseguiu sahir de Lisboa.**

A' 1 hora e meia, estavamos á meza do almoço, n'uma sala reservada, do 1.º andar.

A cara escanhoadá, e o bigode rapado que lhe davam um ar de almirante inglez, desfiguravam-o tanto que a estranheza da figura se misturava ao assombro do lance, e o nosso espanto chegava a duvidar de que estivesse na verdade ali, sentado á mesma mesa, o João d'Azevedo Coutinho, que vinha de salvar-se d'um cerco de carbonarios e de policias, de escapar á penitenciaria ou á morte, havia apenas 24 horas.

—Acredita-se mais facilmente nas magicas e nos grandes lances lidos, do que no que se passa durante a nossa vida! — exclamamos nós — Nunca suppozémos estar hoje aqui a almoçar comsigo.

Azevedo Coutinho encolheu duas vezes os hombros, n'um menoscabo pela sua coragem, e só disse!

—A questão é não se perder o sangue frio. Presença de espirito é tudo!

— Dou mais pela ausencia de corpo do que pela presença de espirito! declarou alguém, do lado.

— Quando a gente se vê n'uma *rascada*, que remedio ha senão safar-se d'ella?! — continuou João Cou-

tinho — E' certo que me tenho visto em muitas, mas esta foi talvez a mais séria.

— E como conseguiu sair de Lisboa?

João Coutinho ia a contar, mas nós interrompêmos:

— Tenha paciencia! conte-me primeiro como conseguiu entrar em Portugal.

**Commovida despedida — A  
entrada no Porto.**

Azevedo Coutinho sorriu como quem vae contar coisa revêlha, sem interesse, e narrou n'uma synthese:

— Na noite de 9 de Outubro, puz umas barbas, e atravessei tranquillamente o rio Minho, não importa em que ponto. Devia entrar no Porto n'um dado dia antes do amanhecer, mas estas coisas são sempre assim: conta-se para as duas, saém para as dez. Voltar para traz é que não voltava. Tive quem me pedisse que não fosse. Respondi apenas: *Não ha nada que me desvie d'esta viagem. Disse que ra, vou.*

— Não faltariam amigos que se soubessem d'esse projecto, tentariam dissuadil-o.

— Pouquíssima gente sabia. Eu nem a El-Rei disse! Deixei apenas 2 cartas, uma para a Rainha Senhora D. Amelia agradecendo-lhe o bem que sempre me tratou, e outra ao «Patrão» dizendo-lhe: «*Meu Senhor! cá vou. Se fôr feliz, fui; senão fôr feliz, só lhe peço que se lembre que eu fui por Si e estenda essa lembrança aos meus*». E essas cartas só seguiram ao seu destino depois de eu estar dentro do paiz. Deixei-as a minha mulher...

— Então, ella sabia? foi ella que o quiz demover da sua temeridade?

— Não. Minha mulher, quando eu, dias antes estive para partir, me despedi d'ella, só disse: «*Deus te proteja, João! Vae. que vaes para o teu dever!*» Não tendo entrado d'essa vez, quando por fim ia para partir, voltei a despedir-me d'ella, nem tempo tendo para ir a casa. Esperou-me n'um automovel, na gare d'Austerlitz, e sem uma lagrima, disse-me as mesmas palavras: «*Vaes para o teu dever!*»

— Grande Senhora! grandes mulheres, as mulheres portuguezas!

— Teem mais coragem as mulheres que a maior parte dos homens! Perdem a serenidade, facilmente, os homens. A mim o que me tem valido, em toda a minha vida é a serenidade. Quando em Africa fui chamuscado de polvora n'esta mão, e estive em riscos de ser apanhado pelos prètos, o que me valeu? Sangue frio. Quando uma *manga* de prètos me atacou, e a força se ia começando a desmoralisar, eu sem querer saber das azagaiadas nem do numero nem do avanço do inimigo, mandei cessar fogo, formar, braço armas, e depois de passar a cavallo revista ás tropas, é que tornei a organizar a resistencia. Os meus homens choravam de enthusiasmo, dando-me vivas.

— Imagino!

— O soldado o que quer ver: é serenidade e justiça. Como exemplo de justiça, lembro-me d'uma scena passada commigo em Africa. Durante um combate, eu trepára para um carro de munições, e estava a seguir a acção, quando vi que uma praça recuava. Dei-lhe uma picada com a espada, gritando-lhe: «*Cobarde!*». Só depois vim a saber que o homem recuava, porque uma bala o empurrára para a rectaguarda. Estava ferido. Acabado o combate mandei formar, chamei-o á frente das tropas, e pedi-lhe desculpa: «*Não sabia que estavas ferido. Desculpa, rapaz! Se eu soubesse que tinhas sido ferido, não te chamava cobarde, tinha-te chamado heroe*». E apertei-lhe a mão. As praças, choraram, e tirando os bonés, gritavam: *Viva o nosso commandante!*» O papel do homem de acção é ir para a frente. Quando não fôr por mais nada, vae por si, os outros seguem-o. Nem todos tem obrigação de ser serenos, mas todos sofrem a sugestão do exemplo e da serenidade.

— D'esta vez não sei como a não perdeu.

— Nunca! Estive no Porto, e na noite em que resolvi ir para Lisboa, parti no comboyo-correio.

— O «Mundo» diz que o governo soubéra antecipadamente da sua estada no Porto, e do comboyo em que havia de partir para Lisboa.

— Deixe dizer. Sabem-o agora. Antes, não sabiam nada ou quasi nada. Eu que venho de atravessar isto tudo não acredito no romance folhetim da traição e dos punhaes. Alguem que me acompanhou durante um trecho da minha jornada, disse-me a certa altura: «*Eu poderei trahir toda a gente; a si nunca o trahiria pela coragem que demonstrou em vir commigo.*»

— Mas quem diz isso...

— Não é traidor. E' apenas um homem que armou em dedicação por mim. Outro qualquer não se affoitava a ir em semelhante companhia; eu fui. Depois de eu estar *enrascado* não digo que elle não contasse, então, os pormenores; antes, não. Se a policia soubesse onde eu estava, não esperaria um minuto: prendia-me. Deixe-me dizer-lhe mais: ainda hoje andam ás aranhas.

### A's « portas » de Lisboa

— Desembarcou em Santarem?

— Não, senhor.

— O *Mundo* dil-o, e cito-lhe sempre o *Mundo* porque, órgão ministerial, deve estar n'este caso melhor informado que qualquer outro.

— Informaram-o mal. Os *reporters* do *Mundo* podem ser bons, a policia da Republica lhe asseguro que não dá para *reportagem*. Propuzeram-me saltar em Campolide. Qual Campolide! Saio lá em Campolide! Em Campolide não desembarca ninguem. Deixe cá. E fui apear-me em Villa Franca. Arranjou-se um automovel, e lá fui. A primeira coisa que fiz quando cheguei ao automovel, foi dormir. Perdemonos na circunvalação, gastamos immenso tempo, e por fim chegamos ás «Portas». D'aquella é que eu não me lembrára. Quando vi os guarda-fiscaes encaminharem-se para o automovel, passei as chaves das malas á pessoa que ia commigo, atirei-me abaixo do carro, e fui... voltar-me para a parede da estrada. Muito preventivamente não levava nas malas — nem commigo — um unico papel: apenas cartões de visita da minha emprestada identidade: *Monsieur Lagarde*. Os guarda-fiscaes passaram revista ao carro, e quando bateram a portinhola do lado direito, eu entrei

pela esquerda, elles ainda iam a metter o nariz mas o automovel abalou. Entrei em Lisboa.

### Subindo e descendo o Chiado em pleno dia.

— Passou mesmo na Baixa?

— Passei duas vezes ao Chiado.

— Que horas eram?

— Nove e meia ou dez horas da manhã.

— É phantastico de atrevimento!

João d'Azevedo Coutinho encolheu os hombros, espadanou o ar com o bôrdo da mão, como quem vae tapar os ouvidos a absurdos louvôres, e proseguiu:

— Não se tratava de atrevimento; tratava-se de ir para a frente.

— Quanta gente daria metade da alma, para o vêr! agora não, mas mais tarde hão de apparecer milhares de pessoas a dizer que o viram e lhe falaram.

### Pistolas de mais.

— Metade da alma talvez houvesse quem desse, do corpo é que poucos dariam. Em todo o caso encontram-se sempre dedicações cá n'este mundo, e effectivamente o difficil foi furtar-me ás visitas, a amizades, e tambem um pouco á ancea com que a alma humana apetece o mysterio. Se me deixo adormecer á sombra das effusões, estava perdido. E algum perigo que corri foi por me demorar, d'uma vez, mais que uma noite no mesmo local. O homem que me affirmára ser *incapaz de me trahir* dormia vestido n'um sophá, e ao menor ruido estava de pé, de pistola em punho. Achei pistola de mais, e de certa dacta em deante troquei-lhe as

voltas, e elle perdeu-me o rastro. Eu não confiava a minha liberdade e a minha vida a ninguem, e devo-as a mim proprio e só a mim.

— Houve um momento —, segundo relatam os jornaes —, em que um automovel corria em sua perseguição, não lhe deitando a mão, porque o seu automovel era de maior força.

— Pudéra! Era um « Renault », e ia nas horas... Fizeram me duas esperas, escapei de todas, mercê de Deus!

**Azevedo Coutinho fardado para a revolução — O governo mallogra o movimento recebendo ás 6 horas da tarde de 20 a delacção do plano.**

— Mas porque não saiu de Lisboa logo que se viu descoberto?

— Porque ainda esperava ser preciso. Se houvesse uma revolução, os que arriscassem a vida haviam de ver-me ao lado d'elles. Cheguei a estar fardado, condecorações, cordões de ajudante. Antes sahira á paisana e e vi que estava, com effeito, tudo descoberto, tudo cercado. Mas assim mesmo fardei-me, mandei chamar um automovel, disposto a atirar-me. Tinha quem me acompanhasse, mas o automovel não veio, e a prova de que o movimento abortára tambem não tardou.

— Houve ou não houve uma tentativa de revolução que foi suffocada?

Não, senhor. O governo recebeu umas communicações ás 6 horas da tarde de 20 de outubro, portanto o que houve foi uma acção impedida, abortada, mallograda pelo conhecimento previo, nas regiões officiaes, do que se ia passar.

**João Coutinho não quer abandonar o seu posto.**

— Porque não pensou, então, em si?

— Porque não queria faltar, porque queria estar até á ultima, e nem por méro acaso deixar de cumprir o meu dever. Não queria abandonar o meu posto nem os que, pelo meu nome, por ventura ainda quizessem vir a atirar-se para um suprêmo desespero. Bem sabia que era por então inutil, mas fiquei até ao ultimo desengano. Foram noites agitadas, sempre á espera de um cerco, de uma lucta, do imprevisito, quasi que não tendo dormido nos quinze dias e quinze noites que estive em Portugal. Mas se eu lhe pudesse dizer os nomes das pessoas que me viram n'esses lances, ellas lhe comprovariam que sempre estive lá com a mesma serenidade que estou agora aqui a falar-lhe. A minha liberdade explica-se por essa serenidade que me permittiu andar por Lisboa, só de dia. Comprehende, de noite, depois d'essas seis horas da tarde, é que redobra a vigilancia. De noite, tudo é suspeito, tudo é exaggerado, tudo é espiado. De dia, n'uma cidade como Lisboa, passa-se melhor. E para mudar de casa, — porque eu não corri meia-duzia, corri meio cento —, punha o verniz, colava a tal pèra, mettia-me n'um automovel e sahia.

**Outra caracterisação — A inculpabilidade do sr. dr. Carvalho Monteiro.**

— Esteve n'alguma casa da rua das Chagas?

— Não é verdade.

— Diz-se que chegou a ir á Feira d'Agosto?

— Não entrei, mas passei lá, uma noite. Depois arranjei outra cara: tirei a barba e a pêra, e arranjei uns «matações». Então, lá ficava mais mudado, mas pouco. Comtudo sempre era um disfarce.

— Ainda assim!...

— Que remedio havia senão andar para diante; eu não havia de andar por baixo do chão, não tinha *metropolitanos* nem aereonaves, pois não? Então, o remedio era andar pela rua. Uma noite, a dedicação d'um simples que nunca mais em minha vida esquecerei, dizia-me, apontando para um arsenal de carabina e de pistolas que tinha a um canto da buraca onde eu me refugiara: «*Senhor conselheiro! aqui ninguém vem. Quem vier leva com essa metralha toda que está ahí encostada á pedra da janella. Despeja-se-lhe tudo ao mesmo tempo!*»

— «*Mas com que mãos, homem?*» perguntava-lhe eu — «*E' verdade!*» reconhecia o homem, desolado de não haver mãos para desfechar ao mesmo tempo o seu ingenuo arsenal. Mas tornava logo: — «*Pois, sim, mas no sr. Conselheiro ninguém toca enquanto eu tiver vida!*» — E já esquecido de que havia menos mãos do que coronhas, repetia: «*Desfecha-se aquillo tudo!*» coitado, estava um pouco desorientado, mas decidido, sem medo, e disposto a dar a vida por mim. Por vontade d'elle, eu não sahia mais d'ali. Mas lá ser apanhado n'uma ratoeira é que eu não queria. E tornando a bezuntar-me de verniz, appliquei os «matações» e sahi.

— Sabe que foi preso o dr. Carvalho Monteiro?

— Elle justifica-se facilmente, e não podem deixar de o soltar. Foi um simples boato, sem fundamento.

**Para não comprometter quem lhe desse asylo, João d'Azevedo Coutinho decide-se a sair de Lisboa — Quinhentos contos pela sua cabeça.**

— Como se decidiu a sair de Lisboa?

— Decidi-me a sair por isto: um creado, que me servia, ouviu dizer n'um electrico: «*A casa onde fôr encontrado o João Coutinho vai pelo ar com dynamite!*» O creado chegou a casa, e adoeceu de pavor. Eu mesmo estando n'uma sala, ouvi dizer n'uma sala contigua a alguem que mal pensava que eu estivesse ali: «*Dizem que a policia dá quinhentos contos a quem entregar o João Coutinho vivo ou morto!*» E isto ouvia-se nas ruas, nos electricos, a pessoas apavoradas, acreditando na *balléla* dos 500 contos. Eu encontrava, com certeza, dedicações para me guardarem nas suas casas, mas um creado podia, ao bater alguem á porta, denunciar-me pelo proprio pavor, com uma d'essas escorregadelas que saem pela bocca fóra ás pessoas allucinadas de medo, por exemplo, antes de lhe perguntarem nada, dizer: «*O sr. João Coutinho não está cá em casa!*» ou outra tolice assim, e ahí estava eu estupidamente preso.

A policia decerto nem offereceu nem dava quinhentos contos, mas o boato do premio podia suggestionar alguem, a policia não dava os quinhentos contos, mas a mim ninguém me restituia a vida. Lá expôr a vida utilmente, tenho-a exposto muita vez, e tornal-a-hei a expôr quando fôr preciso. Ser assassinado como um rato, não estou disposto a sel-o. E não era só de mim que se tratava, mas dos outros, dos que me dessem asylo. Continuar em Lisboa era comprometter gente. Não tinha o direito de estar a com-

prometter ninguém. Tornava-se forçoso acabar com aquella situação. Estava quasi abandonado dos homens, mas não de Deus, nem da alma das mulheres portuguezas. Uma senhora estava prompta a sacrificar-se, não queria que eu me expuzesse a sahir, mas eu resolvêra sahir de Lisboa, e nos momentos graves só eu sou juiz da situação. Todos os alvitres e promessas que me faziam eram os mais complicados, os mais impraticaveis, e se eu me puzesse á espera de os pôr em pratica, ainda hoje a minha liberdade estava á mercê da policia, dos civicos e dos carbonarios de Lisboa.

— Então... ?

— Vi-me com uns rapazes de 21 annos, e umas senhoras. Muito trémula, aterrada á ideia de que me matavam, mas firme e corajosa, uma d'essas senhoras pedia-me que ficasse. « *Pois como quer sahir d'aqui? Olhe que elles matam-o!* » — dizia ella.

#### Como conseguiu João d'Azevedo Coutinho sahir de Lisboa.

— E como sahiu ? a que horas ?

— De dia.

— De dia ?!

— Oh ! senhores ! o raciocinio é para toda a humanidade o mesmo : os que me quizessem preparar a fuga, raciocinariam : — « *E' preciso que elle saia de noite, embuçado, cozido com as parêdes...* » O civico pensava pelo mesmo cerebro : — « *Elle de dia não põe o nariz de fóra* ». Guardêmos as embocaduras das ruas e as casas dos thalassas, que uma noite d'estas a gente apanha-o a escaçular-se, embuçado, cozido com as parêdes... » Qual de noite, nem qual carapuça ! Toda a gente me procura de noite, eu saio de dia. De noite não escapo ; de dia ha muitas probabilidades de me salvar.

— E' preciso ter muita confiança nos nervos !

— O mêdo mata mais gente do que as balas. Resolvido a sahir de dia, pensei no modo de o realisar. Chovia. Contava que o dia immediato fosse um dia de temporal ; e, então, de impermeavel, de « *matações* », o capuz para cima, um guarda-chuva aberto, encobriendo a cara, para a direita, para a esquerda, eu havia de passar. Estava tudo bem engendrado, se o dia de sexta-feira, 23 de outubro, não amanhecesse com um d'aquelles sóes e aquelles céos azues que só ha em Lisboa. Compromettido o impermeavel, o capuz, e o guarda-chuva. Ora se eu me não resignava a esperar que os outros me fossem pôr a salvamento, tambem não havia de ficar alli a rezar o *Ad petendum pluviam*, á espera do dia de chuva que entrára no meu plano de vespera. Ou se é revolucionario e soldado, ou se não é : a maior parte das coisas e dos homens perdem-se pela escravidão a um plano preconcebido. Se lhes não sáe a coisa como a tallaram, desorientam-se. Isto a gente arranja-se conforme pôde e aceita sem vacillar os contratempos que vierem. Conteí com chuva, veio sol, vou da mesma maneira para a rua, e para a liberdade.

— O general Prim, como sabe, antes de sublevar os regimentos de cavalaria *Calatrava* e *Bailen* esteve varias vezes fardado e prompto em varios pontos de Hespanha, chamado pelas respectivas guarnições. A' ultima hora, 30, 60 minutos antes da hora marcada para a insurreição, os officiaes que n'esse mesmo dia lhe haviam ido pessoalmente confirmar a adhesão e abraçal-o entusiasmados, mandavam-lhe um bilheteinho ou um recado dizendo que « *tinham muita pêna mas que ficava para outra occasião* ». O Prim despia a farda, e ves-

tia-se de carreiro, palmilhando as estradas hespanholas á frente de carros de bois. Assim escapou cinco ou seis vezes á policia, com este e outros disfarces, antes de derrubar Izabel. No dia de *Villarejo*, o general Prim, e Pavia, chegaram a *Villarejo* disfarçados de caçadores. O sr. João Chagas e o actor Verdial fugiram do degredo dentro d'uma caixa.

### O disfarce para a fuga

— Era o que me faltava! Para a alfandega de Lisboa me tomar por alguma nova caravella! Nada! Mais simplicidade. Deitei a thesoura ao bigode, barbeei-me, puz uns oculos, vesti este *Knickerbocker* que mal me serve, puz um d'esses chapéos redondos e de panno que estão para os inglezes colossaes como os gigantes britannicos estão para a estatura dos Alpes, um chapelinho muito ridiculo, de viajante do *Cook*, e mandei pedir a uma senhora ingleza se me acompanhava, só para eu poder, conversando em inglez com ella, contrasceñar o meu papel. A pobre senhora, muito religiosa, respondeu: « *Eu estou prompta, mas não me diga nada, não me conte nada, para eu, se fôr prêsa, poder dizer que nada sei, porque eu mentir não minto* ».

**Azevêdo Coutinho, disfarçado de inglez, embarca ao meio-dia no Caes do Sodré**

— Sabe que foi preso o Mangualde?  
 — Pobre Fernando!  
 — E o Seabra de Lacerda.  
 — Coitadinho! — exclamou, impressionado.

— E depois...

— Depois, tomei um automovel que me levou ao Caes do Sodré. Era meio-dia e vinte minutos quando me puz a caminho, para esse lance em que arriscava o todo pelo todo. Cheguei ao Caes do Sodré, fui eu mesmo ao *guichet* da Parceria comprar um bilhete para o vaporsito que transporta os passageiros para bordo dos paquetes, atravessei um vapor de Cacilhas, cheio de gente, e sempre a falar inglez, a perguntar os nomes dos monumentos que alvejam pela collina, muito direito, passei para a lancha a vapor que estava encostada ao vapor da Parceria. Passei por duas praças de marinha, e ahi é que não fiquei muito contente, mas segui serêno, e alheio, muito senhor do meu papel.

— E' espantoso! o Mangualde e o Ferreira de Mesquita presos no Porto, onde ninguem os conhece, é estranho, mas ainda se pode aceitar a explicação official, sabido que o commissario da policia do Porto é talvez o mais habil funcionario da Republica: na casa onde eles estavam, entravam e sabiam vultos suspeitos. Sem essa imprudencia e com outra policia, o Conde de Mangualde e o Ferreira Mesquita deviam passar despercebidos no Porto. Mas o João Coutinho, cercado, vigiado, espiado, denunciado, com a policia e todas as auctoridades á perna, sair de dia, ir ao Caes do Sodré, ao embarcador de Cacilhas, e salvar-se, escapar, um homem que Lisboa inteira conhece, que não ha policia que o não conheça de antigo governador civil da capital, que não ha ninguem que o não tenha visto á janella do *Turf*, em *S. Carlos*, no Parlamento, na bancada ministerial, nos Touros, na rua, á paisana, fardado, que é conhecido ao longe, pelo thorax e pelo andar, é um verdadeiro assombro.

**Comprando flôres no Caes.—**  
**A bordo do « Drina » —**  
**Quatro horas escondido**  
**n'um quarto de banho.—**  
**Os passageiros inglezes**  
**festejam á « champagne »**  
**a fuga de João d'Azevedo**  
**Coutinho.**

—Meu amigo! eu fiz o que pude, Deus fez o resto. O vaporsito demorou bocado a levantar ferro, e eu sempre a voltar-me para a casaria que marinha a encosta, e a perguntar: « *o que é aquella palacio? E aquella torre? E aquella arvorêdo?* » Comprei flores, no molhe dos passageiros, representei o melhor que pude o meu papel. O vaporsito alou e eu através um enxame de passageiros passei para bordo do *Drina*, e metti-me n'uma cabine de banho. Fechei-me por dentro e esperei. Estive lá quatro horas. Passadas essas quatro horas, olhei, estava na Barra. Ia para sair, mas achei melhor deixar descer o pilôto. O barco dos pilôtos ainda ali estava, nada: « *Foi embarcação que nunca commandei!* » E esperei mais um bocado. O piloto saiu, e eu appareci. Chamei um creado, e disse-lhe: « *Quero uma cabine de 1.º classe* » — *Mas onde estava o Senhor?* » — perguntou o creado, olhando-me esgazeado. — « *Na cabine de Banho* ». Houve um momento de espanto, e quando eu expliquei o caso ao commandante, toda a gente que ia a bordo, especialmente os passageiros inglezes, todos me abraçaram, tratando-me a « champagne », acclamando a minha sahida. O inglez gosta d'estas coisas! No cabo da Roca dei o radiotelegramma para Vigo. E olhe que tive a força de vontade de não telegraphar a minha mulher.

—Sabe que a imaginativa popular já vê nas aguas do Tejo navios phan-

tasmas para o raptar á policia e á carbonaria?

—Devo a minha liberdade a mim, e a poucas pessoas mais. Propriamente na fuga só me auxiliou essa senhora estrangeira, e um homem, estrangeiro tambem, que me prestou apenas este serviço: ir adeante, e acenar-me com a cabeça se sim ou não podia passar. Se eu estivesse á espera de que me planeassem a fuga, a estas horas ainda lá estava agachado, e se me entregasse nos planos prudentes que me haviam de propôr, era agarrado mal pozesse o pé na rua. Nada! Ao meio-dia, caes do Sodré. O governo fechou-me todas as portas, suppondo que eu ia justamente escolher o caminho mais comprido, para me safar: o Alemtejo, os caminhos de ferro, o norte, o diabo! Só se eu fosse tôlo. Pois eu tinha ali o caes, e ao pé do caes um paquete da *Mala Real*, e havia de andar a dar voltas, para cair nas mãos de um civico?!

#### Com o pensamento nos camaradas.

—Esse meio era effectivamente o mais simples; mas para o adoptar era preciso, em primeiro lugar, contar com a serenidade.

—Olhe, Joaquim Leitão! o metter-me em Portugal e o sair de lá não foi a maior prova de coragem e de serenidade que dei. A minha força de vontade e o meu sangue frio provei-os quando vi tudo... compromettido e nem sequer me passou pela cabeça dar um tiro na cabeça, e, quando me vi salvo, me contive e não radiotelegraphiei a minha mulher, guardando-lhe para o dia de hoje, anniversario d'ella, a noticia.

E João d'Azevedo Coutinho não tinha nem no olhar nem nos modos

um lampejo de vaidade. No seu fallar tão portuguez, com os lisboetismos da sua classe, e a despreensão dos homens de acção, João Coutinho tinha n'essa hora a commovida alegria do marinheiro que vem de escapar d'um naufragio, alegria que não é feita de risos nem de expansões, mas da enternecida gratidão á boa fortuna. Mas de quando em quando os olhos alagavam-se-lhe d'agua, e aquelle portuguez, habituado ao mar e á Africa, evocava :

— Tanto camarada preso! Officiaes generaes, patentes superiores da armada, aquellas duas esquadras de policia, dezessete sargentos de marinha — meus queridos marinheiros! — homens que jogam as dragonas, os galões, a liberdade, as vidas, doutorados e illetrados, povo... , não, não, não somos uma raça morta!

E, reapparecia o marinheiro que no fim do combate ou do temporal, se volta para o mar a chamar pelos companheiros da tormenta...

